

EDITORIAL

É com grande alegria que apresentamos a segunda edição da Revista Linguagens nas Artes da Escola Guignard - UEMG. Estamos felizes, pois prosseguimos o nosso trabalho editorial vinculando o periódico em nova plataforma do OJS (Open Journal Systems). A versão 3 do OJS foi disponibilizada no domínio do portal de periódicos da Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais, que tem nos apoiado e auxiliado na viabilidade da revista. Sempre é bom lembrar para os nossos leitores e colaboradores que a revista publica edições semestrais e recebe materiais em fluxo contínuo nas seguintes seções: artigos de dossiês temáticos, artigos livres, resenhas, entrevistas e relatos de experiência em performance, exposições, curadorias, concertos musicais entre outras contribuições que tenham conexões com as artes.

A revista Linguagens nas Artes apresenta-se como um novo periódico que abre espaço para as publicações no campo das artes e suas linguagens. O periódico é jovem e nosso entusiasmo advém do interesse em razão das contribuições acadêmicas que estamos recebendo de pesquisadores e artistas.

O primeiro artigo desta edição discute a arte contemporânea enfocando o conceito “embreantes” desenvolvido pela filósofa Anne Cauquelin. Neste sentido o estudo de Bruno Henrique Fernandes Gontijo, busca observar a influência dos artistas Marcel Duchamp, Andy Warhol e Leo Castelli na produção artística brasileira de Ligia Clark, Hélio Oiticica e do crítico de arte Mário Pedrosa. Este exame comparativo procura demonstrar como se estabeleceu a transição da arte moderna para a arte contemporânea no Brasil.

A segunda contribuição é de Juliana Tretin Rodrigues que retrata o ethos da moda ocidental masculina durante o período do Rei francês Luis XIV. A autora analisa a cultura masculina na França do Antigo Regime e mostra como os homens de corte ansiavam pelas novidades da indústria da moda sendo adeptos da maquiagem, da ornamentação, do salto e dos tecidos brocados.

Para além dos artigos citados em epígrafe este número inaugura o segundo Dossiê da revista cuja temática envolve a “A pintura barroca e suas diversas manifestações na modernidade Atlântica.” A proposta central deste Dossiê Temático é refletir sobre as manifestações artísticas, culturais e metodológicas da sensibilidade barroca em torno do mundo atlântico. Sobre tudo entre os séculos XVII e XVIII, a produção artística barroca desenvolveu-se numa consciência estética mundializada, porém adquiriu feições próprias em dimensões culturais locais e de processos operativos específicos. Aliás, o Barroco constitui em uma das mais marcantes sensibilidades culturais e artísticas surgidas na modernidade e por isso uma atenção significativa neste segundo volume.

O nosso Dossiê abre com o artigo de Maria Cláudia Almeida Orlando Magnani que nos apresenta a pesquisa sobre a influência do tratado de Andrea Pozzo na estrutura de falsa arquitetura em pinturas setecentistas em Diamantina. Para Maria Cláudia, o pintor José Soares de Araújo foi um dos responsáveis em trazer para a colônia a pintura ilusionista e a falsa arquitetura influenciada pelo tratado de Andrea Pozzo. Neste contexto recaem sobre o pintor Caetano Luiz de Miranda discípulo de Araújo, os falsos nichos das pinturas dos véus quaresmais em Diamantina.

A segunda contribuição é do pesquisador Eduardo Tsutomu Murayama que estuda o pro-

cesso de (re)descoberta e restauro da chamada “pintura invisível” do padre Jesuíno do Monte Carmelo (1764-1819) na Igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo. Marayama seguindo os passos do modernista Mário de Andrade, a partir de um estudo crítico, suspeitou que uma das pinturas na porção central do forro da nave da Igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo havia sido sobreposta e não correspondia aos aspectos plásticos, estilísticos e geométricos da pintura atribuída ao sacerdote e artífice do Monte Carmelo. A partir daí tem-se uma pesquisa minuciosa de redescoberta e resgate do forro setecentista do Padre Jesuíno.

Seguindo o Dossiê, o terceiro artigo é de Daniela Manoel dos Santos Pereira que analisa comparativamente as semelhanças e as diferenças entre as pinturas ilusionistas de Igrejas do meio norte mineiro – Diamantina e Serro – com as pinturas de São Paulo (Mogi das Cruzes). Sua intenção é buscar um panorama mais amplo da pintura ilusionista do período colonial, buscar possibilidades de autorias através de uma intensa análise das formas e dos esquemas compositivo.

A quarta contribuição é de Janaína de Moura Ramalho Araújo Ayres que analisa o ensino Jesuíta nas disciplinas de matemática e de geometria na influência do saber dos pintores de forros ilusionistas portugueses e lusos brasileiros. Para a autora, a ciência perspéctica propiciava uma nova visão espacial agora disposta nos tetos abobadados ou mesmo planimétricos. Um outro ponto a salientar neste texto é a preocupação da autora com a transposição do desenho ao suporte definitivo.

Já Danilo Matoso Macedo e Sylvia Fischer, na quinta contribuição, procuram estudar a Casa Literária do Arco do Cego coordenada por José Mariano da Conceição Velloso, que havia editado entre traduções e publicações originais mais de cento e cinquenta livros, entre 1796 e 1808. O estudo busca identificar a circulação de técnicas no universo editorial. Ou seja, a influência das publicações nos campos da matemática, da geometria, do desenho, da pintura, da gravura, da topografia e outros aspectos, até a produção de materiais, bem como livros de agricultura e diversas áreas correlatas em instruções diretas para projetos de edificações envolvendo numa mesma dinâmica a perspectiva e a arquitetura.

A penúltima contribuição é um estudo crítico sobre a pintura ilusionista existente na nave, na capela-mor, na sacristia e no coro baixo da Matriz Divina Pastora, em Sergipe do professor e organizador deste Dossiê Magno Moraes Mello. O foco de sua análise crítica foi estudar os efeitos perspécticos da pintura da falsa arquitetura e aproximar sua morfologia ao tratado de *Perspectiva Pictorum* do trentino Andrea Pozzo.

A última contribuição constitui na participação coletiva de Marciana de Freitas e Souza, Aylana Paula dos Santos Silva e Patricia Lorena Raposo. Trata-se da resenha do livro “O ensino da arte no contexto brasileiro atual: formação, políticas públicas educacionais e atuação,” organizado pelas professoras Sumaya Mattar e Rita Luciana Berti Bredariolli. Refere-se a uma coletânea de artigos de pesquisadores do Grupo Multidisciplinar de Estudo e Pesquisa em Arte e Educação, da ECA/USP, e o GPIHMAE - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imagem, História, Memória, Mediação, Arte e Educação, do Instituto de Artes da UNESP.

Neste Dossiê nossa intenção foi a de apresentar ao leitor especializado ou não os aspectos artísticos desde os períodos mais antigos como os dos séculos XVII e XIX, como também significativas questões da cultura artística e filosófica do século XX. Por conseguinte, um composto de estudos e textos bem diversificados de modo a motivar nosso leitor desde as manifestações coloniais, até grande parte do século passado. Não podemos esquecer que a história da arte é fazer

a história de uma linguagem formal (sensorial e visível) com implicações cronológicas, ideológicas, ora, uma espécie de disposição interdisciplinar e a partir dos esclarecimentos do objeto em questão, ou seja: os seus objetivos, os seus temas e os seus métodos.

Nosso propósito não foi a de apresentar um Dossiê teórico ou de mera continuidade linear, mas dispor possibilidades diversas de estudo e de investigação. O que importa é provocar o leitor na pesquisa história e artística, na história e na arte. E, neste contexto, entendemos a arte como uma realidade entre forma e conteúdo: o visível e o invisível. A arte não pode ser vista como uma mera receita em que seguimos um plano para um mesmo resultado. A arte se individualiza em cada indivíduo, em cada suporte e desdobra-se em cada faceta, em cada sujeito. O artista com sua personalidade e conhecimento científico de uma dada época expõe sua mensagem estética e sua potencialidade criadora. Numa frase: a arte está condicionada pelo artista e pela sua realidade cultural, pois cumprirá sempre a sua função histórica de testemunhar sua época. É exatamente o que este Dossiê pretende evidenciar, ou melhor, dar a conhecer os aspectos críticos e formais desde Warhol ou Duchamp, como questões mais funcionais do objeto artístico na cultura colonial do Brasil. Não podemos esquecer que a finalidade da arte é fazer um diálogo com o espectador: a obra se expressa plasticamente e o fruidor ouve em termos de emoção. No universo artístico este diálogo é fundamental e por isso é importante “conversar” com a obra, seja ela produzida no século XX, ou em tempos mais antigos como o espiritualismo medieval, o humanismo renascentista ou o tenebrismo dos séculos XVII e XVIII.

Com este nosso volume apresentado agora à estampa temos uma nova noção de “gosto” para além da mera opinião. Trata-se de uma nova apreciação com um poder mais crítico. Esta foi a nossa intenção. Ao leitor cabe estudar nossas propostas com específicos discursos metodológicos, ou seja, aprender a ver! Não podemos deixar de salientar que ver é interpretar, ver é uma aprendizagem entre os diversos tempos históricos e por isso a leitura visual é basilar. Razão pela qual neste Dossiê, a história é a história das obras de arte. Como tudo na história, é processo, ou seja, é transcurso no tempo e por isso é muito importante a tradição. Dentro do terreno humanístico, a história da arte tem um objetivo preciso: interpretar as obras de arte, melhor dizendo, averiguar o seu significado. Uma obra de arte não é algo isolado, mas um elo de uma corrente formada por vários elos, entre os quais se estabeleceram conexões, mesmo de épocas e lugares diferentes.

Assim, este volume agora disposto ao público remete noções estéticas/formais entre os séculos XVII ao XX com a proposta de exercitar o leitor a desvendar o fantástico e strepitoso mundo imagético da História e da Arte ou da História da Arte.

Esperamos que nossos textos possam despertar novas aventuras no campo artístico e que seja profícuo como conhecimento pessoal, mas também estimulando novas descobertas, novas inquições e discussões culturais e metodológicas no discurso artístico.

Para reforçar algumas das questões abertas neste texto chamo para a nossa conversa algumas disposições do crítico italiano Lionello Venturi. Em suas palavras ele nos diz que quando uma pintura não deixa o observador indiferente, este reage dizendo: “Gosto” ou Não Gosto”. E todos têm o direito de se exprimir assim, (...). Mas as discussões relativas à arte, que têm uma tradição de alguns milênios e nas quais se empenharam grandes espíritos, procuraram (sem a desprezar) ultrapassar a preferência subjetiva e chegar a um juízo objetivo – isto é, encontrar uma norma objetiva de juízo (...) Mais adiante o mesmo crítico conclui, portanto, as duas proposições “Gosto deste quadro” e “Este quadro é uma obra de arte”, são de uma natureza diversa (...) Como reconhecer a diferença?

Esperamos que o leitor goste das análises realizadas por artistas, historiadores e críticos de arte que se dedicaram a estes estudos.

Boa Leitura!

Magno Moraes Mello

Organizador do Dossiê

Rangel Cerceau Netto

Organizador do Dossiê e Editor Chefe da Revista Linguagens Nas Artes

